

O pacote passado a limpo

■ Economistas vêem riscos no câmbio valorizado e nos juros altos para contas públicas

SÔNIA ARARIPE

O pacote fiscal anunciado recentemente pelo governo tem boas intenções, mas não toca em pelo menos dois pontos importantes: os efeitos drásticos da elevação dos juros nos gastos públicos, que poderão acabar consumindo boa parte do ganho esperado com as medidas divulgadas, e também a necessidade de acelerar a política cambial sem fazer, porém, uma maxi-desvalorização. Este foi o diagnóstico traçado ontem por cinco economistas – o ex-ministro e deputado federal Antônio Delfim Netto; Antônio Carlos Lemgruber, ex-presidente do Banco Central, hoje sócio do Banco Liberal; Antônio Salazar, diretor do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (IBRE/FGV); Lauro Vieira de Faria, também da FGV e Sebastião Marcos Vital – que participaram da cerimônia de comemoração dos 50 anos da *Revista Conjuntura*, da Fundação Getúlio Vargas.

“Ninguém está falando de máxi. Mas o governo não pode ficar tapando o sol com a peneira. Esta crise não é externa, mas só aconteceu porque os fundamentos internos estavam errados”, afirmou Delfim Netto.

Ele evitou falar no número que seria necessário para corrigir o câmbio, mas foi bem claro: “A taxa de câmbio está fora do equilíbrio. Não quero dizer em quanto. O governo é que tem os números. Mas este reconhecimento é importante. E não vejo mal nenhum em ter o aval do Fundo Monetário Internacional. Há quem ache que haveria risco de soberania? A Inglaterra quando recorreu nos anos 60 não perdeu”, afirmou Delfim Netto.

Maracanã – Paulo Rabello de Castro foi ainda mais crítico. Usou e abusou de metáforas, fez piadas, arrancando aplausos e risadas da platéia, que reuniu cerca de 100 economistas e consultores. “O Plano Real é feito o jogo de ontem (domingo) no Maracanã, do Flamengo contra o Vasco. A torcida era maravilhosa, mas jogo mesmo que era bom não tinha nada”, alfinetou.



Delfim Netto: “Ninguém está falando de máxi. Mas o governo não pode ficar tapando o sol com a peneira”

Rabello de Castro também concordou que a desvalorização do real deveria ser acelerada e criticou o excesso de gastos públicos. “A estabilidade está sendo patrocinada por um crescimento do endividamento público. Os juros escandalosos estão inibindo os empresários a produzirem e empregarem. Será que é esta a intenção do governo?”, questionou.

Para o economista Sebastião Rego Vital, o debate econômico está ficando muito chato. “Não vejo críticas para mostrar ao governo que estamos jogando fora uma bela oportunidade de crescimento. Não podemos ficar limitados a 2% de expansão da economia por ano. A equipe econômica diz que se tomasse qualquer outro rumo poderia ter um custo muito alto. Mas acho que é preciso comparar com os efeitos de termos um crescimento tão pífio”, analisou.

O ex-presidente do BC, Antônio Carlos Lemgruber, fez as contas de qual

seria a perda deste crescimento pouco expressivo ao longo dos anos. De acordo com um levantamento feito por ele, houve um hiato do Produto Interno Bruto (a diferença entre o PIB real e quanto deveria crescer), principalmente a partir dos anos 80, que hoje chega a 36%.

Regressão – “Comparei com anos anteriores, a partir de 1960. Estamos voltando à diferença vista em 1967, que foi de 30%”, mostrou o economista, sócio do Banco Liberal. A taxa média de crescimento nos últimos 30 anos, segundo Lemgruber foi de 4,81%. “Se considerássemos esta taxa média, poderíamos hoje ter um PIB de US\$ 1 trilhão e não os cerca de US\$ 500 bilhões atuais”, completou.

O encontro serviu para que os economistas fizessem um balanço do passado e tentassem traçar projeções para o futuro. Dos palestrantes, a maioria era formada por ex-redatores-chefes da *Revista Conjuntura*:

Sebastião Marcos Vital, Antônio Carlos Lemgruber e Paulo Rabello de Castro. Lauro Vieira de Faria é o atual redator e o convite ao deputado Delfim Netto também tinha explicação. “Ele ajudou muito na época em que foi ministro elogiando a reforma que estava sendo feita na revista”, explicou Rabello de Castro.

Antônio Salazar, diretor do IBRE/FGV, chegou a projetar o desempenho da economia brasileira para os próximos 50 anos. “Espero que o Brasil possa chegar em 2047 com uma renda *per capita* próxima dos países mais desenvolvidos. Não seria demais esperar que em 50 anos a renda *per capita* do brasileiro chegue a US\$ 50 mil”, disse o professor Salazar. E Lauro Vieira de Faria, atual redator da *Revista Conjuntura*, lembrou dos desafios impostos pela esperada recessão. “Precisamos pensar em uma reforma do mercado de trabalho”, disse.

Nilton Claudino